

## A “ESCOLA TROPICALISTA” E A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

### THE “ESCOLA TROPICALISTA” (TROPICAL “SCHOOL”) AND THE COLLEGE OF MEDICINE OF THE BAHIA

Ronaldo Ribeiro Jacobina, Leandra Chaves e Rodolfo Barros

*Faculdade de Medicina da Bahia – FMB – da Universidade Federal da Bahia – UFBA; Salvador, BA, Brasil*

Este artigo faz uma análise histórica do relacionamento entre a Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) e a Escola Tropicalista da Bahia. Essa “associação de médicos” - denominada pelo memorialista Pedro Nava, quase um século mais tarde (1949) como “escola tropicalista” - editou uma das primeiras revistas médicas no país, a *Gazeta Médica da Bahia* (GMBahia), fundada em 1866 e de longuíssima duração. Ela é considerada um patrimônio cultural da história médica brasileira. Três doutores estrangeiros - John Paterson, Otto Wücherer e Silva Lima – fazem parte do núcleo original dessa associação e nenhum deles pertencera à FMB. Baseado neste fato, alguns autores consideraram a existência de uma ruptura ou, pelo menos, um distanciamento entre as duas instituições médicas. De fato, a “associação de médicos” nunca fez parte de FMB, porém, alguns docentes da faculdade estavam entre os fundadores da “escola tropicalista” e da GMBahia: Antonio José Alves, Januário de Faria (autor da idéia do periódico), Virgílio Damásio (1º Diretor) e um estudante, Pacífico Pereira, que depois se tornou o diretor mais perene da revista. Outros docentes da FMB foram redatores e, com regularidade, muitos de seus membros publicaram sua produção científica nesta revista. O conhecimento desta relação pelas novas gerações é, neste momento, muito oportuno, diante da comemoração dos 200 anos da escola *mater* da medicina no país, particularmente, porque é a FMB que se tornou herdeira do maior patrimônio histórico deixado pela “escola tropicalista”, a revista *Gazeta Médica da Bahia*, fênix sempre renascida da literatura médica brasileira.

**Palavras-chave:** História da Medicina. Escola Tropicalista Baiana. *Gazeta Médica da Bahia*.

*This paper makes a historical analysis of the relationship between the Medical School of Bahia, Brazil (FMB) and the so-called Tropicalist School of Bahia. Long-lasting, the Gazeta Médica da Bahia (GMBahia) was one of the first medical journals in the country and it's considered as a cultural patrimony of the Brazilian Medical History. GMBahia was founded in 1866 by an “association of physicians” denominated, almost a century later, as the “Tropicalist School of Bahia”. Three foreign doctors – John Paterson, Otto Wücherer, Silva Lima – took part of the hard core of this association, which also founded GMBahia. None of the three foreign doctors belong to the members of the Medical School. Based on this fact, some authors considered the existence of a rupture or, at least, a certain distance between the two medical institutions. In fact, the “association of physicians” has never been apart from FMB, but some lecturers were among the founders of that “association of physicians” and were also founders of GMBahia: Antonio José Alves, Januário de Faria, Virgílio Damásio and one student, Pacífico Pereira. Other members of the Medical School of Bahia used to publish their scientific production in the GMBahia, regularly. The knowledge of this relation by the new generations is, at this moment, very suitable, in front of the celebration of the 200 years of the school mater of brazilian medicine, particularly, because is the FMB that became the heir of the greatest historic patrimony left by the “tropical school”, the magazine GMBahia, phoenix of medical literature always reborn.*

**Key words:** History of Medicine. Bahia Tropical School. Gazette Medical of Bahia.

Os três médicos de origem estrangeira, que fizeram parte do núcleo de fundadores da associação responsável pela criação de uma das mais importantes revistas médicas do país, em meados do século XIX, não pertenceram aos quadros da Faculdade de Medicina existente na então província da Bahia. Com base nesse fato, alguns autores consideram que houve uma ruptura

Recebido em 15/04/2008

Aceito em 15/09/2008

Endereço para correspondência: Prof. Ronaldo Ribeiro Jacobina, Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho (MSAT)/ Departamento de Medicina Preventiva e Social, da Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA. Largo do Terreiro de Jesus, Centro Histórico (Pelourinho). CEP: 40025-010. Salvador, Bahia, Brasil. C-e-lo: jacobina@ufba.br.

Fonte de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Programa Primeiros Projetos (PPP).

ou, pelo menos, um distanciamento entre as duas organizações médicas<sup>(1 12)</sup>.

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise histórica da relação entre a Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) e a chamada Escola Tropicalista Bahiana. O momento é muito oportuno, diante da comemoração dos 200 anos da FMB, a escola *mater* da medicina brasileira, que se tornou herdeira do maior patrimônio histórico deixado pela “escola tropicalista”, a revista *Gazeta Médica da Bahia*.

#### **Uma Associação de Facultativos e a *Gazeta Médica da Bahia***

A *Gazeta Médica da Bahia* (GMBahia), a revista médica de mais longa existência no país, é considerada como um dos patrimônios culturais da história da Medicina brasileira, pois serviu de veículo para as pesquisas originais de uma “associação de facultativos”, que ficou consagrada, mais de oitenta anos depois, com a denominação de “Escola Tropicalista Bahiana”.

Em geral, identifica-se na obra de Antônio Caldas Coni, de 1952, a origem do batismo dessa associação de médicos como “escola tropicalista”<sup>(5)</sup>. Entretanto, há um registro anterior: o livro “Capítulos da História da Medicina do Brasil”, de Pedro Nava, re-editado recentemente, com artigos publicados pelo autor em 1948-49, na revista “Brasil Médico Cirúrgico”, do Rio de Janeiro (p.7-8)<sup>(16)</sup>. Num desses artigos, “Apontamentos para o estudo da história da Medicina Científica e da experimentação no Brasil”, Nava diz textualmente: “Os verdadeiros iniciadores de nossa medicina científica foram os médicos que constituíam o que *chamaremos* a Escola Parasitológica e Tropicalista da Bahia” (p.126; grifo nosso)<sup>(16)</sup>. Três anos depois, Coni<sup>(5)</sup> simplificaria para “Escola Tropicalista Bahiana”.

Houve na Bahia algumas tentativas de se criar uma entidade que congregasse os profissionais da medicina. Recentemente, Britto<sup>(3)</sup> apresentou o registro da existência da “Academia de Ciências Médicas da Bahia”, criada em 5 de abril de 1848, seguindo os passos da Capital do Império, que fundara desde 1829 a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Entre os diretores, vários eram professores da FMB, com destaque para o Presidente, João Batista dos Anjos (1803-1871). De origem humilde, tendo sido, inclusive, porteiro do Colégio Medicocirúrgico, o Prof. João Batista se formou em medicina em 1828 e, no ano seguinte, tornou-se Lente Substituto da Cadeira de Cirurgia, depois Lente de Anatomia Topográfica, Medicina Operatória e Aparelhos (1833) e, por fim, Lente de Higiene, em 1839, cargo que ocupava quando assumiu a presidência da Academia<sup>(18)</sup>. Em seus estatutos, a entidade previa a publicação de um periódico, mas teve vida curta.

No primeiro editorial da *Gazeta Médica da Bahia*<sup>(10)</sup>, há referência às tentativas anteriores malogradas de criação de associações médicas e de publicação especializada (imprensa médica): “*por duas ou tres vezes, n’esta província, se ensaiou a publicação de um periódico, exclusivamente consagrado ás sciencias médicas*” (p. 3).

Côncios, portanto, das dificuldades que enfrentaria, um grupo de médicos resolveu formar uma associação em Salvador, Bahia, em 1865, para “praticar assuntos científicos”. Eles assumiram o compromisso de reunir-se duas vezes por mês à noite. Um dos fundadores dessa ‘associação de facultativos’, o Dr. José Francisco da Silva Lima, escreveu sobre este período inicial, duas décadas depois, lembrando que as palestras aconteciam ora na casa de John Paterson, o autor da idéia de criação dessa sociedade médica, ora na casa dos outros sócios, que eram inicialmente sete, porém só seis chegaram a participar das sessões. Paterson e Silva Lima formavam juntamente com Otto Wücherer, a tríade mais famosa da ‘medicina tropical’ na Bahia. Os três eram estrangeiros: Paterson, escocês, e os outros dois, Silva Lima e Otto Wücherer, portugueses. Wücherer, natural do Porto, tinha ascendência paterna alemã, influência que foi determinante na sua formação como médico.

Os outros quatro fundadores brasileiros da associação eram os professores da FMB Antônio José Alves (Cirurgia) e

Antônio Januário de Faria (Clínica médica), além dos médicos Manuel Maria Pires Caldas (cirurgião) e Ludgero Rodrigues Ferreira (clínico), este último nunca participou das sessões por ter adoecido, vindo logo depois a falecer. Pelo papel desempenhado na criação da “escola tropicalista”, destaquemos inicialmente os três estrangeiros:

- **John Ligertwood Paterson** (1820-1882) nasceu na Escócia, formou-se em Medicina pela Universidade de Aberdeen, em 29/04/1841, chegando a Salvador em 42, tendo se submetido ao exame de suficiência e verificação de títulos na FMB. Sua dedicação aos pacientes, em especial aos excluídos, ganhou o epíteto de “médico do pobre”, além do apelido de “médico inglês” (p.10)<sup>(30)</sup>. Foi o primeiro médico em Salvador a aplicar o método de Silvester, de respiração artificial em recém nascidos. Seus relatos de casos clínicos eram exemplares, sendo o primeiro deles na Gazeta um caso de trepanação de osso (tíbia) com “abscesso crônico” de um negro escravo (p.17)<sup>(20)</sup>. A solidariedade aos excluídos, em especial aos escravos e uma posição de condenação ao regime escravocrata foram duas características que distinguiram a primeira geração da “escola tropicalista”. Paterson, coordenador do grupo, era muito respeitado por ter sido aquele que, enfrentando contestações dos próprios médicos baianos, estabeleceu, junto com Wücherer, o diagnóstico e o caráter contagioso das epidemias de febre amarela, em 1849, e de cólera morbo, em 1855. Faleceu à cabeceira de um doente com 62 anos, em 9 de dezembro de 1882<sup>(3)</sup>;
- **Otto Edward Henry Wücherer** (1820-1873) nasceu no Porto, de pai alemão e mãe flamenga. Quando menino tinha Estado na Bahia, pois o pai fora gerente de casa comercial em Salvador<sup>(10)</sup>. Doutorou-se em 1841, pela Faculdade de Medicina de Tübingen, Alemanha. Em 1843, voltou à Bahia para exercer a profissão. Wücherer foi um dos primeiros médicos cientistas no país a praticar a medicina experimental. Pela primeira vez, no Brasil, a patologia denominada ‘hipoemia intertropical’, que tinha os nomes populares de cansaço ou opilação, foi relacionada com a infestação ancilostomótica<sup>(31)</sup>. Investiga a quilúria endêmica na Bahia e descobre na urina de doentes as microfilárias<sup>(34 35)</sup>. Silva Araújo, em sua homenagem, denominou o gênero *Wuchereria*<sup>(30)</sup>. Outro destaque foi seu estudo sobre os ofídios: identificação de espécies novas, descrição das características morfológicas, dos hábitos que permitem identificar as cobras venenosas<sup>(33)</sup>; e
- **José Francisco da Silva Lima** (1826-1910) nasceu na aldeia de Vilarinho, em Portugal, vindo para a Bahia em 1840. Ele é um egresso da FMB, tendo se formado em 1851, com a tese inaugural “Dissertação filosófica e crítica acerca da força medicatriz da natureza”. Na sua longevidade, foi um médico exemplar e cientista produtivo. Traduziu e publicou na *Gazeta Médica da Bahia* o inovador código de ética elaborado pela Associação Médica Americana<sup>(4)</sup>. De seus estudos, destacam-se os trabalhos sobre o beribéri, relacionando-o com o mal indiano, descrevendo de forma precisa as formas

clínicas, a sintomatologia e as lesões<sup>(25)</sup>; a descoberta do *ainhum*, doença de origem étnica, caracterizada por um estrangulamento progressivo dos dedos mínimos dos pés nos africanos e afro-descendentes<sup>(26)</sup>. Essa patologia foi denominada “doença de Silva Lima”.

Por que nenhum dos três se tornou professor da Faculdade de Medicina? É possível que o passado não tenha legado à história uma resposta definitiva a esta indagação. Não havia um impedimento legal naquele momento. Dois dos primeiros lentes da escola eram portugueses, José Soares de Castro (1772-1849) e Manoel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1827) e, pouco tempo depois, a FMB teve um inglês, Jônatas Abbott (1797-1868), que foi lente de Anatomia, vicediretor, tendo sido diretor interino por duas vezes<sup>(18)</sup>. No final do período monárquico, houve um decreto, de 12 de março de 1881, que restringia a atuação do médico estrangeiro no país<sup>(12)</sup>. Com base nesse dado, Madel Luz concluiu: “Essa medida atingiria alguns dos mais eminentes membros da Escola Tropicalista Bahiana como Wücherer, Paterson e Silva Lima, que eram estrangeiros, ou tinham curso em faculdade da Europa”(p.118)<sup>(12)</sup>. Ora, Wücherer já tinha falecido desde 1873, Paterson faleceu em 1882 e Silva Lima que viveu na vigência da lei, embora tenha falecido em 1910, não tinha nenhum impedimento, pois se formou na FMB, em 1851, e naturalizou-se brasileiro muito antes da lei.

Apesar de Paterson, Wücherer e Silva Lima não terem se tornado professores da Faculdade de Medicina da Bahia, encontramos registros que provam que eles preservavam a autonomia em relação não só a faculdade, mas também ao aparelho de Estado. No entanto, eles tinham um vínculo estreito de colaboração com a Faculdade, inclusive acadêmico, uma vez que temos registros que provam que eles não se abstinham de orientar os estudantes da Academia. Os acadêmicos participavam tanto de atos cirúrgicos, quanto nas autópsias: “*Em 3 de novembro liguei a artéria, ajudado pelos meus colegas os Srs. Drs. Caldas, Wücherer e Silva Lima e os alumnos de medicina A. Pacífico Pereira e Gentil Pedreira*”(p. 221)<sup>(21)</sup>; “*Em presença dos Sns. Drs. Paterson, Caldas, Wücherer, e ajudado por alguns alumnos da eschola de medicina, procedi á abertura do cadáver*”(p.148)<sup>(27)</sup>. Um outro fato ilustra que a relação entre a escola tropicalista e a FMB era amistosa. A Associação Médico-Pharmacêutica de Beneficência Mútua foi instalada, em dezembro de 1867, nas dependências da Faculdade de Medicina da Bahia. O ex-aluno Silva Lima, um dos seus membros, foi nomeado para redigir os estatutos. Entre os membros da associação estavam vários professores colaboradores da Gazeta, como Januário de Faria, Demétrio Tourinho, Virgílio Damásio, Góes Siqueira e Vicente Magalhães<sup>(17)</sup>. Na seção ‘Noticiário’, eram divulgadas muitas notícias da faculdade, como os nomes dos novos doutores, entre os quais estava o de A. Pacífico Pereira, formando em 30 de novembro de 1867, com a tese inaugural “Diagnóstico diferencial e tratamento das paralisias”<sup>(17)</sup>. Um mês depois de formado, Pacífico Pereira assumiu a direção da revista, como veremos a seguir.

### Professores e Alunos da FMB na Criação da *Gazeta Médica da Bahia*

Segundo o testemunho de Silva Lima, nos seus “Escritos médicos do Dr. J.L. Paterson”, de 1886, citado por Fonseca<sup>(8)</sup> e Pacífico Pereira<sup>(19)</sup>, nos encontros da “associação de facultativos”, os assuntos eram diversos e, muitas vezes, fortuitos. Nesse registro, diz Silva Lima:

*“não havia estatutos, nem programmas, nem formulas de discussão, nem relatorios, nem actas; ninguém alli tinha por obrigação fazer ou dizer coisa alguma em tempo, modo e materia determinados; mas quando, como e o que queria ou podia”* (p.251)<sup>(8)</sup>; (p. 4)<sup>(19)</sup>.

Foi no seio dessa sociedade, que teve adesão de outros médicos, inclusive estrangeiros como Thomas W. Hall, que nasceu o “pensamento progressista” de criar-se na Bahia um periódico médico, sendo Antônio Januário de Faria (1822-1883) o autor da proposta<sup>(19)</sup>. Formado pela FMB em 1845, o Prof. Januário de Faria se tornou Opositor da Seção Médica em 1855, Lente de Fisiologia em 1862 e Lente de Clínica Interna em 1864<sup>(18)</sup>. Lente e Conselheiro do Império, ele dirigiu a Faculdade de 1874 a 1881. Outro testemunho da autoria da criação da revista foi o de Pacífico Pereira<sup>(18)</sup>, presente desde estudante nas reuniões do grupo original. Ele também reconhece que a idéia da criação da *Gazeta Médica da Bahia* foi de Januário de Faria, um professor da FMB e membro fundador da “associação de facultativos”.

Os sócios ativos dessa organização se cotizaram para fazer face às despesas e, no dia 10 de julho de 1866, publicaram o primeiro número da *Gazeta Médica da Bahia*. Quando este primeiro número saiu já tinha falecido o médico Ludgero Ferreira e, antes dele, o professor Antônio Alves. Este último, Antônio José Alves (1818-1866), pai do poeta abolicionista Antônio de Castro Alves, formou-se pela FMB em 1841, tornou-se Lente Opositor de Cirurgia em 1855 e Lente Proprietário de Clínica Externa em 1862<sup>(18)</sup>. Manoel Dantas o destaca em sua Memória Histórica de 1855 como cirurgião, citando uma ressecção de maxila inferior num caso de osteossarcoma, feita no anfiteatro na presença de estudantes<sup>(7)</sup>.

A criação da revista foi uma conseqüência lógica das reuniões científicas, pois, embora fortuitas, foram gerando a necessidade do registro das experiências e das trocas de idéias. Nas primeiras páginas do número de lançamento da *Gazeta Médica da Bahia* (GMBahia), a “Introdução”<sup>(10)</sup>, que não é assinada, explicitava os objetivos da revista:

*“Concentrar, quando for possível, os elementos activos da classe medica, afim de que, mais unidos e fortificando-se mutuamente, concorram para augmentar-lhe os créditos, e a consideração publica; diffundir todos os conhecimentos que a observação própria ou alheia nos possa revelar; acompanhar o progresso da sciencia nos paizes mais cultos; estudar questões que mais particularmente interessam ao nosso paiz; e pugnar pela união, dignidade e independência da nossa profissão”*(p. 3).



A autoria desse primeiro editorial vem sendo atribuída por alguns estudiosos ao “diretor” Virgílio Damásio, porém, pelo estilo e, sobretudo, pelo testemunho de Juliano Moreira, o autor foi Silva Lima, o verdadeiro diretor e principal redator da Gazeta. Moreira<sup>(15)</sup>, nesse artigo sobre seu mestre e amigo, diz claramente: “*Silva Lima, no seu artigo introductorio da revista*”(p. 1).

Uma questão que nenhum documento registra com clareza foi o critério de escolha do diretor da revista. O nome escolhido não foi nenhum dos cinco sócios fundadores vivos e sim do Prof. Virgílio Clímaco Damásio (1838-1913), que se diplomou na FMB em 1859. O Professor Luiz Anselmo da Fonseca<sup>(8)</sup> comentou desse modo tal indicação: “*Foi encarregado da direcção do periodico o Sr. Dr. Virgilio Damazio, hoje senador federal e que, por longos annos, illustrou o magisterio publico n’esta Faculdade*” (p. 253). Teixeira<sup>(29)</sup>, de acordo com o que Fonseca<sup>(8)</sup> sugere, formula a hipótese para esta escolha por um nome que não estava entre os fundadores, além de ter dado pouca colaboração à Gazeta: “Talvez o seu prestígio de professor de Medicina e político atuante dos mais proeminentes da época”.

Verificamos que, no momento da criação da revista, em 1866, o Prof. Virgílio Damásio era professor (Opositor), por concurso, da Seção de Ciências Acessórias (desde 1862), sendo Lente (Catedrático) de Química e Mineralogia apenas em 1876, transferido para Medicina Legal, em 1882<sup>(18)</sup>. Seu prestígio como docente ocorreu nos anos 80, sobretudo depois de sua viagem de estudos ao exterior. Moreira<sup>(14)</sup>, numa conferência sobre as ciências no Brasil, não vincula Damásio à GMBahia, revista que também é objeto de comentários e destaque nessa conferência. Refere que ele foi um dos professores escolhidos pela Faculdade, conforme legislação da época, para viajar à Europa, com objetivo de atualização em diversos campos da medicina. Depois de sua viagem, no período de 1883 até 1885, o professor Virgílio Damásio retornou com “boas idéias”, destacando as sugestões contidas no seu relatório sobre o ensino de Medicina Legal<sup>(14)</sup>. Num outro artigo, sobre a edição jubilar da Gazeta, Moreira<sup>(15)</sup> reafirma que a direção de Damásio era nominal, “*porque o verdadeiro director da Revista era Silva Lima*”(p. 1). Em relação a sua trajetória política, seu prestígio foi posterior àquele momento de criação da Gazeta, mas, para quem foi posteriormente presidente do partido republicano, assumir uma proposta inovadora nos parece orgânico com seu perfil e sua prática, além de ser uma pessoa da confiança dos fundadores. E a escolha de um professor demonstra que havia um vínculo da Gazeta com membros da FMB.

Um registro importante é a incorporação ao grupo do estudante Antônio Pacífico Pereira, que, em 1867, tendo acabado de deixar “os bancos escolares” (p. 253)<sup>(8)</sup>, foi o escolhido para suceder a Virgílio Damásio na direção da Gazeta (p.133)<sup>(6)</sup>. Nessa sua primeira gestão, Pacífico Pereira ficou no cargo de janeiro de 1868 até meados de 1870, quando a revista foi suspensa, aparentando seguir o destino de tantas outras “tentativas malogradas” como está registrado na própria GMBahia<sup>(10)</sup>.

Naquele momento, Silva Lima, o principal responsável pela revista, não pode contar com a tenacidade do jovem colaborador, que teve de preparar-se para seu concurso de Professor Opositor na Seção de Cirurgia, em 1871, e, logo depois, obteve o direito de viagem de estudos à Europa. A Gazeta voltou a circular em agosto de 1871, sob direção do Lente de Patologia Interna da FMB, Prof. Demétrio Tourinho (1826-1888), sendo interrompida novamente em julho de 1874, quando Tourinho assumiu, como seu primeiro diretor, o Asilo de Alienados S. João de Deus<sup>(11)</sup>. Parecia que o desaparecimento da Gazeta era o destino inexorável:

*“Em um meio como o nosso, dotado de fortes qualidades negativas para empresas do gênero da Gazeta Medica da Bahia, esta teria muito provavelmente continuado a oscillar entre o apparecimento e o desaparecimento, parando, emfim ao menos por longos annos, no ultimo extremo, tendo, assim, a sorte de tentativas análogas que a precederam ou que a succederam”* (p. 254)<sup>(8)</sup>.

A Gazeta, entretanto, teve e vem tendo vida longa. Naqueles momentos iniciais e de maior glória, dois dos seus intelectuais foram os pilares de sustentação. O primeiro pilar da permanência de uma revista de qualidade, publicada de modo quase ininterrupto na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foi Silva Lima, *primus inter pares*, conforme o testemunho de Pacífico Pereira<sup>(19)</sup>. Ele foi o mais versátil colaborador e o principal redator da *Gazeta Médica da Bahia*, de 1866 até 1910 (**Quadro 1**). Essa constatação veio tanto da observação feita no livro com o índice cumulativo<sup>(24)</sup>, quanto da leitura sistemática dos seus diversos volumes, inclusive recentemente digitalizados<sup>(2)</sup>. Praticamente não houve um volume dos trinta e oito primeiros (de 1866 até 1906) que não tivesse um trabalho do médico tropicalista brasileiro. Brasileiro não de origem, como já referido, mas por escolha quando se naturalizou em 1862<sup>(31)</sup>. Na ocasião da publicação do número jubilar da GMBahia, Juliano Moreira<sup>(15)</sup> diz que o verdadeiro diretor era Silva Lima, sendo nominal a direção de Damásio. Diz também que o jovem Pacífico Pereira já o auxiliava no trabalho de redação, daí, ter assumido, embora tão jovem, o papel de diretor. Moreira enfatiza que a GMBahia foi se impondo desde o seu início, chamando a atenção das publicações médicas do “velho mundo”, de tal modo que, no seu primeiro ano de vida, recebeu o apoio do *British Medical Journal*, importante semanário médico da associação médica da Grã-Bretanha.

O outro pilar foi Pacífico Pereira. Formou-se em novembro de 1867, começou sua carreira docente também na FMB como Opositor na seção cirúrgica em 1871, Lente catedrático de Anatomia Geral e Patológica em 1882 e depois Lente de Histologia<sup>(18)</sup>. Formado em novembro de 1867, como já referido, um mês depois assumiu a direção da revista, ficando no cargo de janeiro de 1868 a junho de 1870 e retornou novamente à direção, no início de 1876, maduro, professor de cirurgia, por

**Quadro 1.** Fundadores da “Escola Tropicalista Baiana” e a Faculdade de Medicina da Bahia (Formação e/ou Docência). 1866-1820.

Nome	Data	Formação Médica	Docência FMB
John L. Paterson	1820-1882	Universidade de Aberdeen- Escócia (1841)	-
Otto E. H. Wücherer	1820-1873	Universidade de Tübingen, Alemanha (1841)	-
J. F. da Silva Lima	1826-1910	Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) (1851)	-
Antônio José Alves	1818-1866	FMB (1841)	Opositor de cirurgia (1855) e Lente de Clínica Cirúrgica (1862-66)
Antônio Januário de Faria	1822-1883	FMB (1845)	Lente de Fisiologia (1862) e Lente de Clínica Médica (1864). Diretor (1874-81)
Manuel Maria Pires Caldas	1816-1901	FMB (1840)	-
Antônio Pacífico Pereira	1846-1922	FMB (1867)	Opositor de Cirurgia (1871), Lente de anatomia (1882) e de Histologia (1883) Diretor (1895-1898)

Fonte: Coni<sup>(5)</sup>, Nava<sup>(16)</sup>, Oliveira<sup>(18)</sup>.

concurso, tendo viajado à Europa e conhecido vários cursos universitários. Valle<sup>(30)</sup> garante que, pela mediação de Paterson, recebeu lições sobre antisepsia cirúrgica de Lister, em Edimburgo. Pacífico Pereira reassumiu a direção e manteve a revista sem interrupções até 1920, quando adoeceu, vindo a falecer em 1922<sup>(30)</sup>.

A relação da GMBahia e da FMB está simbolizada em Pacífico Pereira. Ele foi um dos membros fundadores da Escola Tropicalista ainda na condição de acadêmico de Medicina. Para a Gazeta foram cinquenta anos de dedicação, feitos com muitos sacrifícios pessoais, inclusive financeiros. Depois daquele momento inicial, quando os sócios se cotizaram para editar os primeiros números, a responsabilidade da “associação de facultativos”, proclamada até 1883 na própria capa da GMBahia, foi puramente nominal<sup>(8)</sup>. Os déficits anuais eram bancados pelo seu diretor mais perene.

Diretor e assíduo colaborador por meio século, o Prof. Antônio Pacífico Pereira (1846-1922), outro pilar de sustentação da “escola tropicalista” e deste monumento raro das publicações científicas brasileiras que é a *Gazeta Médica da Bahia*, pertencia, como visto, aos quadros da FMB, tendo sido inclusive diretor da escola no período de 1895 a 1898<sup>(18)</sup>. Dos fundadores da Gazeta, dois foram não apenas professores, mas também diretores da FMB e ambos se mantiveram vinculados à revista: Januário de Faria e Pacífico Pereira.

Como estudioso da educação médica, Pereira criticou nas páginas da Gazeta o ensino retórico da faculdade onde ensinava:

*“É certo que contamos em nossas Faculdades professores muito notáveis, mas é forçoso confessar que, quer pela sua organização e pelos elementos de que dispõem, quer pelo sistema oficialmente adotado e determinado por lei, o ensino é quase uma formalidade, a prática uma ilusão”*<sup>(23)</sup>.

Coerente com sua crítica, Pacífico Pereira foi o primeiro mestre a fazer uso regular do microscópio como instrumento de trabalho, pois os que existiam eram objetos de curiosidade. Em 1881, como Professor Substituto realizou um curso livre de histologia e anatomia patológica com as aulas práticas sendo efetivamente realizadas no microscópio<sup>(9)</sup>.

Dois anos antes de se tornar professor, Pacífico Pereira, em editorial da Gazeta que analisava as memórias históricas das duas Faculdades do Império, retrucou ao Prof. Antônio Teixeira da Rocha. O memorialista carioca comentava o caráter efêmero da imprensa médica e afirmava que essas iniciativas partiam ‘do seio das escolas’ médicas. Pacífico o refuta, dizendo em primeiro lugar, em relação ao caráter efêmero das publicações médicas, que a Gazeta já tinha três anos de existência e, sobre sua origem, era categórico:

*“não se originou na Escola e não se sustenta no seio d’ella. A associação de Facultativos que a alimenta conta felizmente em seu seio alguns, raros, mas dedicados membros da Escola de Medicina, mas a maioria de seus fundadores são simples médicos civis”*(p. 279)<sup>(13)</sup>.

Esse trecho parece sustentar a tese da ruptura da “Escola Tropicalista”, pelo menos da sua primeira geração<sup>(22)</sup>, com a FMB. A autonomia, entretanto, não significa separação, inclusive para essa primeira geração. A Gazeta, vinculada a uma entidade da sociedade civil, era independente tanto da Academia quanto da burocracia estatal, isto é um fato, muito bem estudado<sup>(12,22)</sup>. Por outro lado, havia relações e vínculos, como foram destacados neste artigo. Os ‘raros membros da Escola’ foram decisivos na vida da Gazeta nesse período e nos seguintes, até a sua completa incorporação.

Madel Luz<sup>(12)</sup> observa que “hegemônico” significa predominante e não único, isto é, pressupõe a existência de outros discursos. Ao discurso hegemônico da Academia

**Quadro 2.** *Gazeta Médica da Bahia* - GMBahia (Diretores, Editores, Redatores e Gerentes) e a Faculdade de Medicina da Bahia - FMB. (1866-2007).

<b>I – Período de 1866 a 1934</b>				
<b>Período</b>	<b>Nome</b>	<b>Cargo na GMBahia</b>	<b>Formação Médica</b>	<b>Docência/ Título na FMB</b>
Jul.1866-Dez.1867	Virgílio Clímaco Damásio	Diretor	FMB (1859)	Opositor de Ciências Acessórias (1862-76) Lente de Química (1876-82) e Medicina Legal (1882-1894)
Jul.1866-1910	José Francisco Silva Lima	Editor/ Redator Principal	FMB (1851)	-
Jan.1868-Jul.1870	Antônio Pacífico Pereira	Diretor	Ver abaixo	Ver abaixo
Ago.1870-Jul.1871		GMBahia não foi publicada		
Ago.1871-Jul.1874	Demétrio Ciríaco Tourinho	Diretor	Faculdade de Medicina - Rio de Janeiro (FMRJ) (1847)	Opositor (1855) e Substituto (1859) de Ciências Médicas; Opositor de Ciências médicas (1861) e Lente de Patologia Interna (1871-1888)
Ago.1874-Dez.1875		GMBahia não foi publicada		
Jan.1876-Jun. 1921	Antônio Pacífico Pereira	Diretor / Editor	FMB (1867)	Opositor na seção cirúrgica em 1871, Lente catedrático de Anatomia Geral e Patológica em 1882 e depois Lente de Histologia
Jul.1890- Jun.1893	Raimundo Nina Rodrigues	Redator Gerente	FMRJ-FMB-FMRJ (1887)	Adjunto de Clínica Médica (1889), Substituto de Higiene e Medicina Legal (1891) e Catedrático de Medicina Legal (1895-1906)
Jul.1896-Jun.1901	Braz H. do Amaral	Redator Gerente	FMB (1886)	Prof. Substituto (no período de redator) e Catedrático de Patologia Cirúrgica (1902-08) e de Cirurgia (1908-14).
Jul.1901-Jun.1906	Juliano Moreira	Redator Principal	FMB (1891)	Professor Substituto de Psiquiatria e Moléstias Nervosas (1896-1903)
Jul.1906-Jun.1914	Gonçalo Moniz	Redator	FMB (1893)	Prof. Substituto de Histologia (1902-06), Bacteriologia (1908) e Prof. de Patologia Geral (1911-15) e Catedrático (1915-25)
Jul.1915-Dez.1934	Clementino Fraga	Redator Principal	FMB (1903)	Professor (FMRJ, 1910). Prof. Emérito da FMB.
Jul.1915-Jun.1919	Aristides Novis	Redator Secretário	FMB (1907)	Catedrático de Fisiologia (no período, foi até 1953)
Jul.1919-Jun.1921	Macedo Guimarães	Redator Gerente	-	-
Jul.1921-Jun.1932	Armando S. Tavares	Redator Secretário	FMB (1917)	Prof. Clínica Médica (1918-26) e Catedrático (1929-44)
Jul.1921-Jun.1934	Aristides Novis	Diretor / Editor	FMB (1907)	Ver acima.
Jul.1932-Dez.1934	José Júlio de Calasans	Redator Secretário	FMB (1924)	Assistente Contratado da Cadeira de Psiquiatria

II – Período de 1935 a 2007				
Período	Nome	Cargo na GMBahia	Formação Médica	Docência/ Título na FMB
Jan1935-Dez.1965		GMBahia não foi publicada		
Jan1966-Dez.1972	Aluizio Rosa Prata	Editor	FNM (1949)*	Professor Catedrático de Doenças Tropicais e Infecciosas (concurso em 1959)
Out.1976	Estácio Luiz Valente de Lima	-	FMB (1922)	Professor Catedrático de Medicina Legal. Publicou a Memória Histórica de Nina Rodrigues, recusada em 1896
Jan.2004- Dez.2008	José Tavares-Neto	Editor	FMB-UFBA (1976.2)	Professor Associado (2007). Diretor da FMB-UFBA.

(\*) FNM=Faculdade Nacional de Medicina, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, ela identifica, como um contraponto, a Escola Tropicalista da Bahia. Todavia, esta não unicidade identificada pela autora não é só entre instituições. Uma instituição qualquer pode ter no seu âmbito não apenas forças sociais hegemônicas, mas também contrahegemônicas. Docentes e até discentes, como o acadêmico Pacífico Pereira, que tinham uma posição contra-hegemônica naquele momento na escola, foram aqueles que apoiaram a ‘escola tropicalista’, que era cientificamente avançada e politicamente progressista. Na ciência, o grupo da Gazeta fazia a defesa da medicina social nas políticas públicas e da medicina experimental nas pesquisas clínicas. Na política, a posição era de defesa da luta abolicionista e do sistema político republicano. Eles souberam travar a guerra de posições: Januário de Faria se tornou diretor, Pereira ingressou na vida acadêmica e, logo depois, retomou seu papel dirigente na imprensa médica. Mais adiante, já no período republicano, tornou-se diretor da FMB, mantendo-se também na direção da revista. A segunda geração, como Nina Rodrigues e Juliano Moreira, e a terceira, como Pirajá da Silva, foram de professores da FMB.

De volta a trajetória da Gazeta, verifica-se que a revista não foi publicada com o adoecimento de Pacífico Pereira, em 1920, até seu falecimento. Em 1922, o Prof. Aristides Novis, que tinha sido o redator principal de 1915 a 1919, assumiu a direção, conseguindo manter a publicação regular até 1934, quando a revista praticamente desapareceu. Os descendentes do Prof. Novis transferiram os direitos do periódico à Faculdade de Medicina da Bahia.

Qual fênix, a GMBahia, agora revista oficial da FMB, reapareceu em 1966, com a iniciativa do Prof. Aluizio Prata que, contando com a colaboração dos colegas Zilton Andrade e Heonir Rocha, entre outros, conseguiram eles garantir a publicação anual até 1972, com um número avulso em 1976<sup>(23)</sup>. Recentemente, em junho de 2004, o Prof. José Tavares-Neto, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB-UFBA), assumiu o desafio de retomar a publicação da revista, com a periodicidade semestral, inclusive editando também alguns suplementos especiais<sup>(28)</sup>.

Teixeira<sup>(29)</sup>, sem pretender fazer um quadro completo, mas apenas registrar os nomes que marcam as diversas fases da Gazeta, cita, além dos fundadores, os seguintes colaboradores: Manoel Vitorino, Almeida Couto, Silva Araújo, Gonçalo Moniz, Pirajá da Silva, Clementino Fraga, Oscar Freire Martagão Gesteira, Aristides Novis, Prado Valadares e Armando Sampaio Tavares. Esqueceu entre outros o nome de Juliano Moreira. E todos eles, inclusive Moreira, foram professores da FMB.

Seguindo o principal objetivo deste artigo, qual seja, o de estudar a relação da GMBahia com a FMB, sobretudo no período de seus fundadores (1866-1920), observa-se que, analisando os **Quadros 1 e 2**, com a exceção de Silva Lima, eram professores da FMB, tanto os diretores da revista (Virgílio Damásio, Demétrio Tourinho, Pacífico Pereira e Aristides Novis), como a maioria dos gerentes e redatores principais: Nina Rodrigues (no período de 1890-93), Braz Amaral (1893-1901), Juliano Moreira (1901-1903, formalmente até 1906), Gonçalo Moniz (1906-14) e Clementino Fraga (1919-1934). Pela função na revista, estes dados são uma das provas mais eloquentes do profundo vínculo entre a ‘Escola tropicalista’ e a Faculdade de Medicina da Bahia, antes mesmo da *Gazeta Médica da Bahia* se tornar a revista oficial da Faculdade.

### Considerações Finais

O período de maior prestígio e significado histórico da GMBahia foi o de sua criação, em 1866, até o início do século XX, com as publicações de Nina Rodrigues e Juliano Moreira. Destacaram-se os trabalhos originais de Wücherer sobre a ancilostomíase, a filariose e a classificação das cobras venenosas. Outro destaque de pesquisas clínicas originais foram os estudos de Silva Lima sobre o beribéri e o ainhum, demonstrando o seu compromisso e solidariedade com a saúde do escravo. A contribuição de Paterson, de 1866 até 1879, constituiu-se nas precisas descrições dos casos clínicos. De Pacífico Pereira, além das observações clínicas e terapêuticas e dos estudos sobre o beribéri, dando seguimento aos trabalhos do seu mestre Silva Lima, foram valorosas também



suas reflexões sobre o ensino médico, tendo se tornado uma referência nacional sobre o tema.

Como ficou evidente na descrição e análise anteriores, a *Gazeta Médica da Bahia* está historicamente vinculada à Faculdade de Medicina da Bahia. A Escola Tropicalista da Bahia, termo usado *a posteriori* para nomear tanto a associação de facultativos (mais nominal que real) e, sobretudo, a obra dos profissionais que publicaram na *Gazeta Médica da Bahia*, nunca esteve separada da Faculdade. Dois professores, que foram lentes na FMB, Antônio Alves e Januário de Faria, e um acadêmico - Pacífico Pereira - estavam entre os fundadores do grupo e da revista, além de Silva Lima ter se formado na FMB. A idéia do periódico foi do Professor Januário, que se tornou diretor da faculdade de 1874 a 1881. Foi um professor, Virgílio C. Damásio, que deu seu nome para a direção do primeiro ano da revista, e depois se tornaria catedrático. E o próprio Pacífico Pereira, que deixou a direção da revista em 1870, quando voltou a assumir tal posto, em 1876, ele já era, então, professor concursado, desde 1871. Ele foi diretor da FMB na gestão de 1895-1898, sem deixar a direção da revista. Os outros diretores e os redatores da *Gazeta*, além de centenas de colaboradores, foram em sua grande maioria professores da escola *mater* da Medicina.

Como consideração final, nesse momento de rememoração pelo bicentenário da FMB, cabe aqui lembrar duas de suas premiações que foram obtidas pela *Gazeta Médica da Bahia*, atual patrimônio da Faculdade: o prêmio internacional na Exposição Universal Colombiana, realizada em Chicago, em 1893; e o prêmio nacional, em 1908, na Exposição Nacional comemorativa do centenário da abertura dos portos brasileiros, que ocorreu no Rio de Janeiro<sup>(34)</sup>.

Briquet de Lemos em visita à *National Library of Medicine*<sup>(29)</sup>, em Bethesda (EUA), no ano de 1967, encontrou a coleção da GMBahia completa, encadernada e foi informado que ela tinha sido microfilmada, e indexada no monumental *Index-Catalogue of the Library of the Surgeon-General's Office*. Recentemente, num trabalho louvável, foi realizada a digitalização da *Gazeta Médica da Bahia* por Luciana Bastianelli<sup>(2)</sup>. A revista já está disponível em dois CDs, além de um livro com artigos selecionados. O diretor e editor, Prof. José Tavares-Neto, garantiu colocar a coleção completa disponível por meios eletrônicos. Enfim, a Faculdade de Medicina da Bahia comemora nas páginas de sua *Gazeta Médica da Bahia* (GMBahia) os seus 200 anos (1808-2008).

## Referências

- Barros PM. Alvorecer de uma nova ciência: a medicina tropicalista baiana. História, Ciências, Saúde: Manguinhos 4: 411-59. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1998.
- Bastianelli L. (compl.) *Gazeta Médica da Bahia, 1866-1934/1966-1976*, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa. Salvador: Edições Contexto, 2002.
- Britto ACN. A chegada do Jovem Dr. John Ligertwood Paterson à Província da Bahia no Século XIX. In: Britto, ACN. *A Medicina baiana nas brumas do passado*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, p. 227-228, 2002.
- Código de ética médica adaptado pela Associação Médica Americana. *Gazeta Médica da Bahia* 2: 86-90; 97-99; 109-111, 1867.
- Coni AC. *Escola Tropicalista Bahiana*. Salvador: Livraria Progresso, 1952.
- Damazio VC. Bahia 30 de dezembro [Editorial]. *Gazeta Médica da Bahia* 2: 133, 1867.
- Dantas MLA. Memória histórica dos acontecimentos notáveis do ano de 1855 apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Typographia e Livraria de E. Pedroza, 1856. 16p.
- Fonseca LA. Dr. Pacífico Pereira. *Gazeta Médica da Bahia* 30: 251-260, 1898.
- Fonseca LA. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1891. Bahia: Diário da Bahia, 1893.
- Introdução. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 1-2, 1866.
- Jacobina RR. A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947) [Tese de Doutorado em Saúde Pública]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/MS), 2001.
- Luz MT. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de Saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- Memórias Históricas das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. *Gazeta Médica da Bahia* 3: 277-278, 1869.
- Moreira J. Conferência: O Progresso das Ciências no Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional* 35: 32-47, 1913.
- Moreira J. Silva e Lima e a *Gazeta Médica da Bahia* (1866-1916). *Bahia Ilustrada* 2: 1-3, 1918.
- Nava P. *Capítulos da História da Medicina do Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro, 2003.
- Noticiário. *Gazeta Médica da Bahia* 2: 131-132, 1867.
- Oliveira ES. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
- Pacífico Pereira A. Esboço histórico da Fundação da “*Gazeta Médica da Bahia*”. *Gazeta Médica da Bahia* 48: 3-30, 1916.
- Paterson JL. Abscesso crônico da extremidade inferior da Tíbia; Trepanação do osso; cura. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 17-18, 1866.
- Paterson JL. Caso de elephancia tratado sem proveito pela ligadura da artéria femoral. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 220-222, 1867.
- Peard JG. Tropical disorders and the forging of a Brazilian medical identity, 1860-1890. *Hispanic American Historical Review* 77:1-44, 1997.
- Reformas necessárias à legislação sanitária, e ao ensino médico. Aos Médicos Deputados. *Gazeta Médica da Bahia* 9: 1-6, 1877.
- Sant'Anna, EP, Teixeira R. *Gazeta Médica da Bahia: índice cumulativo, 1866-1976*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1984.
- Silva Lima JF. Contribuição para a história de uma moléstia que reina atualmente na Bahia sob a forma epidêmica e caracterizada por paralisia, edema e fraqueza geral. *Gazeta Médica da Bahia*, v.1, p. 110-113; 125-128; 1866; v.1, p.183-185; 196-198; 219-220; 232-2325, 1867.
- Silva Lima JF. Estudo sobre o “ainhum”, moléstia ainda não descrita, peculiar à raça etiópica e afetando os dedos mínimos dos pés. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 1, pp. 146-151, 1867.
- Silva Lima JF. Alguns casos de aneurisma intratorácico: autopsia e comentários. GMBahia, Ano 2, n. 37, p. 146-149, 1868.
- Tavares-Neto J. Apresentação. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 74, p.1, 2004.
- Teixeira RS. Apresentação. In: Bastianelli Luciana. (compl.) *Gazeta Médica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa*. Salvador: Edições Contexto, 2002.
- Valle JR do. Subsídios a História da ‘*Gazeta Médica da Bahia*’. *Brasiliensia Documenta*, v. 9, p.9-14, 1974.
- Varela A, Veloso VP. *Escola Tropicalista Baiana. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Extraído em: [http://www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/esctroba.pdf]. Acesso em [2 de outubro de 2005].
- Wücherer OEH. Sobre a moléstia vulgarmente denominada opilação ou cansaço. *Gazeta Médica da Bahia*, v.1, p. 27-29; 39-41; 52-54;63-64, 1866.
- Wücherer OEH. Sobre o modo de conhecer as cobras venenosas do Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, v.1, p. 193-196, 1867.
- Wücherer OEH. Notícia preliminar sobre vermes de uma espécie ainda não descrita, encontrados na urina de doentes de hematúria intertropical no Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, v.3, pp. 97-99, 1868.
- Wücherer OEH. Sobre a hematúria no Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 4, pp. 39-40; pp. 49-50; pp. 61-62; pp. 73-74; pp. 85-86, 1869.